



1

## **FÉ, FOLIA E RECÔNCAVO: REFLEXÕES A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES TEMPORAIS E ESPACIAIS NA FESTA DO SENHOR DO BONFIM DE MURITIBA/BA**

**Aisllan Damacena Souza Da Silva**

Universidade Federal Do Recôncavo Baiano  
Pós-Graduando em Cidadania e Ambientes Culturais  
aisllan1@hotmail.com

### **RESUMO**

O presente artigo tem por finalidade partir do contexto cultural do Recôncavo, enquanto Território de Identidade da Bahia para analisar algumas modificações temporais e espaciais ocorrentes no contexto da Festa do Senhor do Bonfim, realizada na cidade de Muritiba, há cerca de 200 anos. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de autores que discutem espaço urbano, o conceito de festa e as festas populares, inclusive a própria Festa do Bonfim na cidade de Muritiba, onde a partir desses autores foi construído um referencial teórico para sustento das ideias apresentadas nesse texto, e em seguida, a realização do campo a partir de entrevistas estruturadas com pessoas envolvidas na festa. Portanto, esta pesquisa de caráter qualitativo, revela o quanto a Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba foi se adequando as transformações impostas pelo poder público e pela Igreja, assim, recebendo novas configurações e significados.

**Palavras-chave:** Recôncavo; Festa do Senhor do Bonfim; Muritiba.

### **Introdução**

Caracterizar uma determinada Região apenas considerando critérios econômicos e geográficos (aspectos físicos da paisagem), desprezando os aspectos culturais que são mantidos ou redesenhados, seria incorrer em um erro. Em outras palavras, não há como negar a importância das festas populares, dos eventos religiosos e do patrimônio histórico e arquitetônico/urbanístico. O patrimônio, seja ele imaterial ou material, é relevante e possui potencial para impulsionar a economia local de forma direta ou indireta em períodos específicos do ano ou em datas já determinadas, de maneiras diferenciadas e multidimensionais.



2

Se tratando do Território de Identidade Recôncavo, sabe-se que cada município que o compõe, possui especificidades culturais: uns com ampla expressividade nas suas festas “tradicionais” populares, famosas e esperadas principalmente por fiéis adeptos ao catolicismo e as matrizes afro-brasileiras, bem como pelos que brincam espalhando alegria, irreverência e o muito colorido das fantasias nas suas ruas; outros famosos pela característica expressiva junina e também cívica e outros onde as festas aparecem de maneira pontual, apenas em algumas datas, dependendo da situação financeira do poder público municipal para efetivamente acontecer.

Então, é importante considerar essas especificidades e saber que nem sempre serão mantidos os eventos da forma tradicional, pois esses são recriados e readaptados (como é o caso das Festas Juninas) para a reprodução do capital, assim, buscando atender interesses e atingir objetivos para além do lazer e do entretenimento. Essas adaptações (como serão apontadas neste artigo) dão ritmos e segmentos na realização dessas festas.

Portanto, a partir do contexto cultural do Recôncavo, enquanto Território de Identidade da Bahia, esse artigo tenciona compreender essa divisão da Bahia que é tão importante do ponto de vista sociocultural do Estado e analisar algumas modificações temporais e espaciais ocorrentes no contexto da Festa do Senhor do Bonfim, realizada na cidade de Muritiba, há cerca de 200 anos.

## **O Território de Identidade Recôncavo e a sua dinâmica festiva**

A Bahia possui duas divisões: a primeira em Regiões Econômicas e a segunda, instituída em Territórios de Identidade. Nesta seção, nos compete a abordagem do



3

Estado da Bahia através dos Territórios de Identidade, os quais somam-se, no total, 27 Territórios que abarcam os 417 municípios do Estado, envolvendo questões culturais e sociais comuns aos municípios que formam uma unidade territorial marcada por questões simbólicas e de pertencimento, que vão além de características econômicas.

Sob a ótica do governo do Estado, tem-se uma definição bastante precisa do conceito de Território de Identidade:

O Território de Identidade é uma estratégia de desenvolvimento, que agrupa municípios com afinidades sociais, culturais, históricas, econômicas, geográficas etc., criada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a partir de 2003. Em 2007, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia adotou essa divisão do território baiano em 26 Territórios de Identidade. Hoje já são reconhecidos 27 Territórios de Identidade na Bahia. O objetivo desta estratégia de gestão e política é estimular a cooperação e a articulação regional com foco no desenvolvimento (BAHIA, CONFERÊNCIA TERRITORIAL DE CULTURA, 2013).

Baltt e Godim (2013, p. 2), caminham em uma direção semelhante na explanação do conceito, afirmando que “os Territórios de Identidade são considerados unidades de planejamento do Governo – integrando as políticas públicas e viabilizando na prática as condições e estruturas para que as ações sejam implementadas [...]. Assim, entende-se que essa nova categoria que passou a ser utilizada como modelo de regionalização, está a serviço do governo e visa melhor condução e aplicação de políticas públicas, desenvolvimento local/regional e crescimento econômico para os 27 Territórios do Estado.

De acordo com Carvalho e Serpa (2015, p. 69), essa substituição,

[...] indica uma transformação do olhar frente às regiões, encaradas não como um espaço meramente econômico – vazio e opaco na afetividade de seus habitantes para com este recorte; um espaço alienado, diria Frémont (1980) –, dando lugar a uma abordagem



4

regional que prioriza as relações socioculturais dos habitantes com seus Territórios de Identidade, com suas regiões.

Assim, baseando-se nestes mesmos autores, percebe-se que neste contexto a região se qualifica a partir de uma concernente homogeneidade sociocultural. No caso, se agrupam os municípios por práticas sociais e culturais diversas (desenvolvidas pelos sujeitos) em um determinado território, levando em consideração todo seu contexto histórico. É uma forma também de estimular a ideia de pertencimento.

Assim, destacamos o Território de Identidade Recôncavo: É neste que está localizada a cidade e o objeto de estudo dessa pesquisa, como já foi dito e visto. Geograficamente falando, o Recôncavo se encontra ao Leste da Bahia e se limita com os Territórios: Portal do Sertão, Piemonte do Paraguaçu, Vale do Jiquiriçá, Baixo Sul, Metropolitano de Salvador e Litoral Norte/Agreste baiano. Além de possuir 5.221, 201 km<sup>2</sup>, abrange 20 municípios e tem população total de 576.672 mil habitantes, conforme último censo.

O Recôncavo possui expressiva importância na formação política, econômica e sociocultural no Estado da Bahia. É um território que em um passado glorioso foi estratégico para a sua dinâmica territorial e atualmente, ainda mostra-se um lugar de relevância para o crescimento econômico e de expressividades culturais. Devido a sua historicidade, consegue promover o turismo, não somente como uma fonte de renda para sua população, mas como uma forma de permanência da Identidade do seu povo.

Conforme Pedrão (2007), o Território de Identidade Recôncavo, tem sido retratado como o lugar de uma significativa vida cultural baseada em seus elementos de tradição, de determinados componentes de uma cultura tradicional. Exemplo de uma tradição cultural do Recôncavo é o samba de roda, que foi difundido pelos africanos no Brasil colonial, sobretudo, nessa região.

Carvalho e Serpa (2015, p. 76), nos atenta para isso:



Devemos ter em mente que é por conta da tradição da cultura africana trazida pelos negros escravizados, fundida, principalmente, com elementos da cultura portuguesa, que o samba de roda se constitui como prática cultural de destaque no Recôncavo.

Além do samba de roda, o Recôncavo traz consigo outras diversas manifestações culturais; muitos autores ponderam que essa realidade deve-se ao processo histórico pelo qual esse território foi submetido. É nesse cenário com características culturais muito fortes, que o turismo ganha certa força.

De acordo com Lisboa *et al.* (2014, p. 14): “O turismo se desenvolveu na região principalmente pelo seu contexto histórico, que está relacionado à cultura afro-brasileira”. Municípios como: Cachoeira, São Félix, Muritiba, Maragogipe, Nazaré, São Saubara e Santo Amaro da Purificação possuem grande expressividade no quesito cultural e relevante potencial turístico/histórico.

Segundo Lisboa *et al.* (2014, p. 14),

Uma das especificidades do Recôncavo é a dinâmica cultural (as festas e comemorações), vinda da sua formação histórica. Atualmente algumas cidades do Recôncavo são tombadas, como no caso de Cachoeira e São Felix, esse tombamento vem com o intuito de preservar a historicidade e a cultura do local.

Muitas festas celebradas no Recôncavo tem origens religiosas e são atribuídas a santos católicos. Sobre as festas e suas relações com a fé/religião, esse quesito é de extrema importância ser pontuado, visto que Durkheim (1989, p. 456), acredita que ambas caminham juntas em suas características, ou seja,

[...] a própria ideia de ‘cerimônia religiosa’, de alguma importância, desperta naturalmente a ‘ideia de festa’. Inversamente, toda ‘festa’... apresenta determinadas ‘características de cerimônia religiosa’, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência,



às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso [...] Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc [...]

Eliade (1999, p. 76), acrescenta que a festa é um acontecimento que sempre caminhou em conjunto com a religião desde os primórdios da humanidade, “pois se observarmos as festas dos povos da antiguidade, notamos uma preocupação “mágica” de agradecer à natureza ou suplicar proteção as entidades divinas”. Portanto, nota-se que a fé e a festa possuem uma relação intrínseca, sendo que “às vezes, é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público”, (DURKHEIM, 1989, p. 456). Assim, é no Recôncavo: a fé transforma-se em folia.

Portanto, a partir dessas festas mencionadas, por que não se apropriar de uma frase utilizada pelo poder público para divulgar as festas populares baianas: “Na Bahia, tudo é festa” e afirmar que “[...] não há dúvidas, as festas baianas, identificam lugares da cidade e fazem parte de seu patrimônio cultural” (SANTANA, 2002, p. 15), como é o caso da Festa do Senhor do Bonfim, celebrada na cidade de Muritiba e considerada como uma das maiores manifestações culturais do Recôncavo, como veremos nas próximas sessões.

### **A fé convertida em festa: os primeiros passos da dinâmica festiva do Senhor do Bonfim**

A cidade de Muritiba, como já dito, localizada no Território de Identidade Recôncavo, é bastante conhecida pelas suas manifestações culturais, grande parte dessas ocorrentes nos meses de janeiro ou fevereiro, quando a cidade celebra o Cristo crucificado, que recebe o nome na tradição católica de Senhor Bom Jesus do Bonfim (Senhor do Bonfim).



De acordo com Silva (2015), essa festa é celebrada em Muritiba há mais ou menos dois séculos, como uma reprodução da festa já existente na colina sagrada, em Salvador. Isso porque as pessoas do Recôncavo tinham muito o costume de participar da Festa em Salvador e acabara trazendo “as práticas por lá vivenciadas para o cotidiano do local em que viviam” (BRITO, 2010), sendo que em Muritiba, a festa ocorre sempre após a realização da festa na capital, ou seja, ocorre sempre duas semanas antes carnaval.

Nesse contexto, de acordo com Rodrigues (2007, p. 5) a Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba, torna-se considerada como “um evento religioso de forte apelo popular, consagrado como uma das manifestações culturais mais ricas e significativas da cidade [...]”, além de trazer características próprias que não são vistas em qualquer outro lugar.

Um ponto que vale ser ressaltado quanto à festa do Senhor do Bonfim em Muritiba, é que essa é constituída por duas partes distintas: a Parte Religiosa (Fé) – [organizada pelo padre da cidade, em conjunto com os fiéis que criam todos os anos uma comissão de festas, que é chamada de comissão religiosa, assim, ficando responsável pela execução do novenário, missa festiva, missas penitenciais e procissões] e a Parte da Rua (Folia) – [organizada pelo poder público municipal e composta por bandeira<sup>1</sup>, pregão<sup>2</sup>, cortejos, lavagens, manifestações culturais, atrações musicais<sup>3</sup>, barracas de largo e parque de diversões].

---

<sup>1</sup> Ocorre todos os anos no dia 1 de Janeiro, onde a comissão religiosa e de festas da rua se encontram num cortejo, com o intuito de hastear a bandeira da Festa e divulgar as datas em que irão ocorrer a festa, naquele ano.

<sup>2</sup> Também chamado de Bando Anunciador, ocorre, no domingo, faltando 12 dias para o início dos festejos, onde carros alegóricos, coloridos, muitos cavaleiros e fantasiados fazem um espetáculo nas ruas da cidade distribuindo a programação da festa, tanto das novenas, missas, quanto das atrações que tocarão no palco principal nas noites de festa.

<sup>3</sup> Ocorre nas 11 noites de festa, e também nos domingos à tarde com a apresentação de grupos de samba de roda e nomes nacionais da música baiana e brasileira.



Sobre o início das festividades em louvor ao Senhor do Bonfim e a igreja que recebe a devoção na cidade de Muritiba, o Conego José de Oliveira, pároco da cidade faz questão de pontuar que,

A igreja não é do Bonfim, a igreja, na época, considerada capela, é dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Pelo fato da mesma ter uma imagem idêntica a igreja do Bonfim em Salvador, inicia-se como algo espontâneo a devoção ao Senhor do Bonfim, onde as sextas feiras as pessoas tinham o costume de ir ascender velas na igreja do Rosário em honra ao santo homenageado nos dias de sexta feiras na Bahia. Assim, com o passar dos anos, a multidão ia aumentando e como reflexo da devoção existente na capital, o pároco da Paróquia de São Pedro do Monte, na época, sem nenhum intuito começa a rezar somente o tríduo ao Senhor do Bonfim na igreja do Rosário, sem nenhuma realização de parte social/profana e é nesse momento que os fiéis começam a reconhecer a igreja de Nossa Senhora do Rosário como a Igreja do Senhor do Bonfim (ENTREVISTA CONCEDIDA PELO CÔNEGO LOCAL, NO DIA 16/06/14).

Nota-se na fala do padre que a Festa do Bonfim passa por reparações: o que surge a partir de uma noite de oração, se converte em tríduo (três dias de oração) e mais tarde transforma-se em novenário (nove dias de orações), e hoje, onze dias de louvores, celebrações e orações ao santo querido dos baianos.

Todas as transformações iniciais dessa festa, de acordo com Silva (2015), ocorrem devido a proporção que o louvor ao Senhor do Bonfim alcança em Muritiba, sobretudo, em virtude do grande número de fiéis que se deslocavam de suas casas para a capela (como ocorre até hoje), na época, “bem pequenina com uma portinha de frente, ao meio, e outra ainda menor em baixo da torre” (LIMA, 2010). Nesse contexto, de acordo com Lima (2010), no ano de 1875, Luciano Ribeiro de Novais e Gustavo Antonio Fonseca, lideraram a construção do atual templo, onde até hoje se realiza a tradicional Festa do Senhor do Bonfim.





O tríduo foi transformado em novenário, assim, as novenas tinham início no sábado e era concluída no domingo próximo, com a missa festiva na parte da manhã e a reza do nono dia de louvores, a noite, culminando a festa na segunda com a procissão.

[...] Porém ao se transformar em novenário, começavam-se então a surgir pequenas barracas, algumas das quais destinavam a venda de doces e lembranças em benefício dos festejos, enquanto outras destinavam a negócios de interesses de alguns barraqueiros, sem esquecer as mesas de jogos como roletas, jogos de dados, tiro ao alvo e outros tipos de diversão. Fazendo-se memória das manifestações realizadas durante o dia: lavagem, caretas, cães, os homens travestidos e os cavaleiros. (RODRIGUES *apud* SILVA, 2015, p. 4).

Nesse contexto, do ponto de vista geográfico, nota-se que com essas modificações temporais, inicia-se a fase de mercantilização da festa, onde os agentes capitais se incluem no ambiente festivo, assim, tornando-se parte do mesmo nas ruas e aos arredores do templo. Portanto, a dimensão sagrada do contexto festivo do Bonfim, de acordo com o Cônego local (entrevista concedida, no dia 16/06/14), “deve ser sempre lembrada, assim, considerando o processo de formação da Festa do Senhor do Bonfim como um marco na Paróquia de São Pedro do Monte de Muritiba”.

Assim, vale trazer o pensamento de Eliade (1999), onde a autora entende as festas como um acontecimento que sempre caminhou em conjunto com a religião, desde os primórdios da humanidade, o que também é notado no contexto histórico da Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba.

### **“Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia”: mudanças temporo-espaciais no contexto da Festa do Senhor do Bonfim**

Considerando que as festas passam por processos de recriações e atualizações, cabe nesta seção trazer questões voltadas para o surgimento da Festa do Senhor do



Bonfim de Muritiba, a partir das modificações que foram e são feitas no seu contexto configuracional, em decorrência dos avanços sociais que “[...] redimensionaram simbolicamente os sentidos do festejar” (CASTRO, 2009, p. 4).

Na Festa do Senhor do Bonfim, as mudanças quando ocorridas refletiram bastante, isso, porque de acordo com Silva (2015), o evento já tem em seu contexto histórico uma característica de modificado, pelo fato da quantidade de dias que aumentaram devido ao tamanho da dimensão que a festa foi alcançando.

Como já dito na seção anterior, com o surgimento das novenas, são incorporadas na festa as manifestações de caráter popular que ocorrem nas ruas da cidade. Conforme Rodrigues (2007, p. 7), no passado, as manifestações de rua, iniciavam-se “após a primeira novena, que ocorria no primeiro sábado da festa, e prosseguiam por toda a noite até no domingo ao meio dia”. O público alvo dessas manifestações populares, eram

[...] as mães e filhas de santo, aguadeiros que iam lavar as escadarias e o adro da igreja, animais enfeitados, crianças e várias outras manifestações culturais que existiam na cidade se apresentavam nessa maratona de expressões de homenagem ao Senhor Bom Jesus, realizado na porta do templo pela comunidade (SILVA; BORGES E PEREIRA, 2015, p. 11).

Vale destacar que atualmente o novenário não se inicia mais no sábado, e sim, um dia antes, ficando o último domingo da festa para (somente) realização da missa festiva, não havendo mais o novenário à noite, como ocorria no passado.

Outra manifestação cultural que tomava as ruas da cidade de Muritiba durante a Festa do Bonfim, eram os ternos nas madrugadas, assim, acompanhado por “famílias, travestidos, baianas conduzindo bandeiras e estandartes e pelo som das charangas (grupo de tocadores de sopro)” (SILVA; BORGES E PEREIRA, 2015, p. 11). De acordo com Silva (2015), com a proximidade do carnaval, era bastante comum as



peessoas se enfeitarem com roupas e máscaras luxuosas, afim de anunciar que o carnaval viria após os dias de Festa em Muritiba. Isso ocorre até os dias atuais, não mais nas madrugadas, e sim, as tardes.

Vejamos o que diz Anfilóbio de Castro, escritor e filho de Muritiba, que viveu na cidade nos tempos antigos dessa festa e que descreveu sobre esse episódio festivo nas ruas de Muritiba:

As ruas fervedouras de raparigas de saias redondas e torço de cetim, xale de seda ajustado à cintura, com punhos, pescoços e orelhas carregados de ouro, cada qual mais ardente de alegria, cantando, requebrando ao som da zabumba, sobressaindo as porta-bandeiras no repisado e requebro das chulas, no miudinho leve e ligeiro do ponteadado da dança. (CASTRO, s/d, p. 6).

Entretanto, com os avançar dos anos, alguns quesitos, como por exemplo, a violência e a falta de interesse pelas novas gerações adentraram-se nessas manifestações noturnas, tendo a partir disso, a festa na rua ter que adequar-se a novas configurações. De acordo com Rodrigues (2007, p. 8) “houve exclusão e esquecimento de tradições, incorporação de novos elementos, [...] foi impossível deixar de agregar novos significados”. Com isso, de acordo com Silva (2015), essas as manifestações permanecem apenas na memória daqueles que participaram e vivenciaram o seu transcorrer.

Com o perpassar do tempo acabou a tradição, as pessoas que efetivamente tinham fé foram desaparecendo e não houve sucessão pelas gerações que vieram... Muita coisa perdeu sua origem, hoje ocupam os arredores da igreja com barracas e se fossemos resgatar tudo isso, o povo não ia entender. (RODRIGUES, 2007, p. 7).

Um movimento ainda existente nesta festa são os ritos que ocorrem nas escadarias e adro da igreja, os quais são compostos em sua maior parte por adeptos do



candomblé que “saem às ruas da cidade na manhã do primeiro domingo da festa portando em suas cabeças a tradicional água de cheiro que é utilizada para abençoar aos credores e lavar as escadarias do templo sagrado” (SILVA; BORGES E PEREIRA, 2015, p. 12). Essa manifestação que recebe o nome de Lavagem de Água ou das Escadarias, também é acompanhada por muitas pessoas, as quais se trajam de branco e seguem ao som das músicas afro-brasileiras, reverenciando com muita fé e alegria o patrono da festa de fevereiro na cidade serrana.

Como as manifestações que ocorriam nas madrugadas deixaram de ocorrer devido ao alto índice de violência e vandalismos, um novo tipo de manifestação cultural surge para sanar a que deixou de existir, trata-se das denominadas Lavagens, “não a das escadarias da igreja, e sim uma nova expressão de manifestação popular, repleta de simbologias” (RODRIGUES, 2007, p. 8) que ocorrem durante todas as tardes da Festa, exceto no primeiro dia (sexta), na quinta feira e no derradeiro dia.

Essa nova configuração assumida pela lavagem mobiliza e arrasta multidões, que aguardam ansiosamente o ano todo, para pular e dançar ao som das fanfarras e suas músicas de embalo pelas ruas da cidade, ou então, para apenas observá-la nas praças e esquinas. Durante os dias em que se realizam as lavagens vespertinas, pode-se notar a presença de elementos simbólicos e folclóricos como:

- As caretas: apesar de já existirem mascarados nos cortejos fazendo analogia ao carnaval, as caretas atuais assumiram uma nova roupagem, ao invés de cabeçorras e mandús, mortalhas e máscaras horrendas são usadas pelos garotos para brincar nas lavagens e assustar criancinhas.
- Os cães: organizados, inicialmente, pelo líder religioso do candomblé Sr. Ricardo Benedito dos Santos, popularmente conhecido como Ricardo do Bilhete. Segundo relatos, no início eram apenas sete componentes, posteriormente, elevando-se a vinte e um, desfilavam pela cidade, separados da lavagem, usando roupas pretas, capas vermelhas, parte do corpo pintada de óleo queimado e para completar o figurino; ganchos. Hoje, dispensaram a roupa e pintam todo o corpo com óleo queimado, são inúmeros e saem junto às lavagens de quarta e sexta, sujando a todos, sem exceções.



- As muquiranas: introduzidas há pouco tempo nas lavagens, são reproduções das que existem no carnaval de Salvador. (INFORMATIVO POPULAR DA FILARMÔNICA 5 DE MARÇO, 2001, p. 3).

Como visto no informativo de 2001, citado acima, a festa recebeu novos elementos em seu contexto, e hoje, 17 anos depois, mais transformações e elementos foram incorporados no âmbito da tradicional festa em Muritiba, a exemplo:

- A inserção de outros tipos de manifestações de rua, como é o caso da Lavagem das Fantasias, as 5 horas da manhã do último domingo;

- A inclusão de uma caminhada da alegria, chamada de “Louva Cristo Folia”, no primeiro domingo, voltada para católicos, adeptos e devotos;

- A reforma da praça em que está situada a igreja (um assunto delicado que dividiu opiniões entre os moradores, devido ao derrubamento de um coreto centenário da cidade, assim, desrespeitando a memória local em virtude do aumento do espaço para a comodidade do público e realização dos shows na parte da noite, após as novenas);

- A inserção dos blocos de camisa, corda, carro pipa e trios elétricos arrastados por artistas de nome nacional, o que contribuiu com a descaracterização e segregação da festa que tem seu caráter popular.

A cada ano esses blocos de camisa investem em inovações, estruturas e propagandas com o intuito de “atrair mais participantes e, obvio obter maior lucratividade” (RODRIGUES, 2007, p. 10). Exemplos deles são: A Lavagem do Clube dos Trinta e o Bloco Jagunça.

Do ponto de vista geográfico percebe-se que:

Na contemporaneidade, as manifestações populares culturais tornam-se mercantilizadas, o que contribuem, cada vez mais, para a exclusão de tantos. Pois, quem não tem o poder aquisitivo de comprar a camisa para incluir-se dentro da corda, é vedado de participar diretamente da festa. Isso é comum em nossa sociedade ocidental/capitalista, em que transforma tudo (natureza, homem, cultura etc.) em recurso,



agregando-o um valor de troca; assim, paga-se, também, pela diversão. Essa ação pode contribuir para intensificar as disparidades sociais em nossa sociedade nas diferentes escalas espaciais e, embora inicialmente não seja perceptível, tende a somar a tantos outros fatores que aumentam e cristalizam as desigualdades sociais contemporâneas brasileiras, sendo a violência alguns dos atos de reação. Além disso, tende a descaracterizar a festa profana do Sr. do Bonfim, que, em sua essência, nos aparece como uma festa democrática e espontânea, onde todos são iguais e tem o direito de manifestar a sua cultura. Nesse caso, a comercialização da festa reduz a participação do povo muritibano e de outros na festa e tende a desarticular as manifestações culturais. (SILVA, 2015, p. 7).

É valido ressaltar que a data da festa sempre varia de acordo com a data do carnaval, ou seja, a festa sempre tem seu início faltando duas semanas para o carnaval,

[...] sempre numa sexta feira e se encerrando numa segunda, quando faltam exatamente nove dias para a terça feira de carnaval. Em 2015, a festa foi realizada no período de 30 de janeiro a 9 de fevereiro, sendo o carnaval comemorado em 17 de fevereiro, já em 2016, o evento ocorrerá no período de 22 de janeiro a 1 de fevereiro e o carnaval será comemorado em 9 de fevereiro (SILVA, 2015, p. 8).

Em 2018, a festa iniciou no dia 26 de janeiro, encerrou no dia 5 de fevereiro e o carnaval foi celebrado em 13 de fevereiro. O bando anunciador dessa festa sempre é realizado dois domingos antes da festa. Já o hasteamento da bandeira da festa, sempre foi executado tradicionalmente no dia 1 de janeiro.

### **“A festa não pode parar”: algumas reflexões**

Chegando ao final deste trabalho, o qual foi relacionado aos Festejos em Louvor ao Senhor do Bonfim, na cidade de Muritiba, vale trazer a luz das discussões alguns aspectos que nortearam os resultados dessa produção temática.



Inicialmente, é importante salientar que o Estado da Bahia além de possuir sua divisão em regiões econômicas, também possui, desde 2007, uma divisão em territórios culturais, ou de identidade, afim de unir as cidades com afinidades sociais e culturais, buscando facilitar o fortalecimento das políticas públicas para esses territórios. Essa proposta começou a ser projetada em 2003, e somente em 2007 foi instituída na Bahia.

Embora muitos estudiosos se posicionem contra essa institucionalização, a mesma é uma das mais utilizadas por pesquisadores das áreas de cultura e por órgãos do Governo Estadual, a exemplo, a secretaria de Educação do Estado que é dividida em Núcleos Territoriais de Educação – NTE, com base nesse critério cultural.

Quanto ao Território de Identidade Recôncavo, fica evidente na pesquisa que esse é muito marcado pelas manifestações culturais existentes nos municípios que o compõe, isso pelo fato desta região ter um passado marcado pela forte presença dos africanos e europeus, os quais difundiram neste pedaço de Bahia ambos os sincretismos. Dentre esses municípios, destaca-se Muritiba, cidade famosa pela tradicional Festa em louvor do Senhor do Bonfim, realizada há cerca mais ou menos de 200 anos, para alguns outros pesquisadores, até há mais de 260 anos.

É preciso pontuar que o Senhor do Bonfim não é o padroeiro da cidade de Muritiba, e sim, São Pedro do Monte, celebrado em junho com apenas quatro dias de festa. Com isso, surge uma primeira indagação: Por que São Pedro que é o padroeiro da cidade tem tão pouca visualização em relação a Festa do Senhor do Bonfim? Será que sempre foi assim? O padre local explica que a Festa de São Pedro é menor por que o Senhor do Bonfim se trata da pessoa de Cristo, então para Jesus, a festa tem que ser maior.

Nesta perspectiva, notou-se na pesquisa que a Festa do Senhor do Bonfim é uma das grandes manifestações populares de fé e de alegria que fazem parte do calendário cultural do Recôncavo. Uma devoção que surge numa Capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário e que mais tarde, pelo gosto popular, transforma-se na Igreja do Senhor Bom



Jesus do Bonfim, devido à grande aparência com a Igreja do Bonfim de Salvador e também pelo fato da dimensão que os louvores alcançaram na capela dedicada a Virgem Maria, na cidade serrana.

Compreende-se que na festa atual algumas celebrações de cunho religioso (sagrado) ocorre no interior do templo, como é o caso das missas, novenas, orações, e também nas ruas, como é o caso das procissões e cortejos afro em reverência a Oxalá (Senhor do Bonfim, no sincretismo afro-brasileiro), ou seja, a Lavagem das Águas. Enquanto a festa caracterizada como “profana” se dá nas ruas da cidade, onde se arma palco para shows, barracas, bem como está relacionada com os arrastões, blocos e lavagens vespertinas pelas ruas da cidade.

Portanto, vale fazer uma ressalva em relação a sagrado e profano, onde nesta produção optou-se por não utilizar esses dois termos em virtude do entendimento e do ponto de vista de quem irá ler este texto. Em entrevista com o padre da cidade, o mesmo diz que a Festa do Senhor do Bonfim tem dois lados: o sagrado e o profano, mas que esses não se misturam de forma alguma.

Portanto, numa festa dessa dimensão é impossível não misturar. Vejamos: a procissão, por exemplo, ocorre no espaço em que o profano atua e é uma atividade considerada sagrada. Já as lavagens vespertinas que tomam conta das ruas da cidade com os fantasiados, travestidos, músicas de axé, charangas e movimentos corporais violentos, encerra todas as tardes na frente do templo considerado sagrado, ao som do hino do Senhor do Bonfim, o qual é entoado pelas charangas. Então, a partir disso, surge uma outra indagação: O sagrado e o profano são sagrados e profanos para quem?

Outro ponto que vale ser destacado é que a festa passou e ainda passa por atualizações, devido as transformações do espaço geográfico em que ocorre e também do tempo. Notou-se que é uma festa que começou bem simples e que cresceu gradativamente, junto a esse crescimento foi se inserindo outros elementos, bem como a





17

forte cultura popular, o que contribuiu para a geração de novos ritmos e significados em seu contexto.

Entretanto, é de extrema importância salientar que no mundo ocidental capitalista que vivemos, os agentes de interesses capitais também foram inseridos no ambiente dessa festa, assim, contribuindo com a descaracterização do evento por meio da incorporação de outras práticas no seu transcorrer – o que modificou a cultura e o espaço da Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba por meio da inserção de atividades mercantilizadas – como é o caso dos blocos de camisas, já existentes na festa, há 20 anos.

Por fim, vale mencionar que mesmo sendo São Pedro o padroeiro da cidade de Muritiba, nota-se que o povo muritibano toma mesmo é o Senhor do Bonfim como seu protetor. Percebe-se isso todas as sextas-feiras, as 19 horas na igreja a ele dedicada, quando uma grande multidão se reúne no templo para participar da Missa da Benção, onde no final da celebração, o padre asperge a comunidade com água benta.

## Referências

BLATT, Nadir; GONDIM, Patrícia Santos Cardoso. **Territórios de Identidade no estado da Bahia: uma análise da Regionalização implantada pela estrutura governamental na perspectiva do desenvolvimento local e regional**. UESB: 2013.

Disponível em:

[http://colociotemposespacos.blogspot.com.br/2013\\_08\\_01\\_archive.html](http://colociotemposespacos.blogspot.com.br/2013_08_01_archive.html). Acesso em abril de 2018.

BRITO, Nelson. **Muritiba**: cidade serrana, agosto, 2009.

CARVALHO, Cê; SERPA, Angelo. O samba de roda como símbolo e “marcador” regional do Recôncavo baiano. **Revista Entorno Geográfico**. Nº 11, janeiro / dezembro, pgs. 68-85, 2015.



18

CASTRO, Janio Roque Barros de. Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano. Salvador, EDUFBA, 2012.

CONFERÊNCIA TERRITORIAL DE CULTURA. **Recôncavo**. Governo do Estado da Bahia, julho de 2013. Disponível em: [https://conferenciadecultura.files.wordpress.com/2013/07/cartilha\\_reconcavoweb.pdf](https://conferenciadecultura.files.wordpress.com/2013/07/cartilha_reconcavoweb.pdf). Acesso em abril de 2018.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989. Original, 1912.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

INFORMATIVO 5 DE MAÇO. Muritiba/BA. Janeiro a Abril de 2001. Ano IV. Nº 8.

LIMA, Jomar. **A Festa do Bonfim e sua história**. 2010. Disponível em: <http://jomarlimafot.blogspot.com.br/2010/02/festa-do-bonfim-2010-muritiba-bahia.html>. Acesso em maio, 2018.

LISBOA, Acssuel de Souza; OLIVEIRA, Crislane da Silva, SILVA, Vagner Alves da. **A dinâmica territorial do Recôncavo e sua história materializada no espaço**: estudo de caso dos municípios de Cachoeira, São Felix e Maragogipe - BA. In: XXVI Congresso Brasileiro de Cartografia, 2014, Gramado. Cadastro territorial. Rio de Janeiro: SBC - Sociedade Brasileira de Cartografia, 2014.

PEDRÃO, Fernando. Novos e velhos elementos da formação social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, vol. 1 (1), 2007.

RODRIGUES, Maria da Paz de Jesus. **Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba – BA: Uma manifestação popular mercantilizada**. Santo Antônio de Jesus-BA, 2007, UNEB.



19

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: UERJ, NEPC, 1996.

SANTANA, Mariely Cabral de. **Alma e festa de uma cidade: construção da colina do Bonfim.** Salvador: UFBA, 2002.

SILVA, Aisllan Damacena Souza da. SILVA, Kaique Borges. SANTOS, Tayane Pereira dos. **Leituras Geográficas da Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba/BA: análise das dimensões espaciais do Sagrado ao Profano, 2015.** Disponível em: <[www3.ufrb.edu.br/sppgcs2015/trabalhos-aprovados.htm](http://www3.ufrb.edu.br/sppgcs2015/trabalhos-aprovados.htm)>. Acesso: maio, 2018.

SILVA, Aisllan Damacena Souza da. **Viva o Senhor do Bonfim: o papel das manifestações culturais registradas no contexto espacial da Festa do Bonfim em Muritiba/BA.** V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador/BA, 2015. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2015/19536.pdf>. Acesso em: abril, 2018.